



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS

Daniele Cristina Pinho Pinto

A IMAGEM E SEUS SIGNIFICADOS:

Fotografia e ensino de artes visuais na educação infantil do CMEI

Rubens do Amaral

Belo Horizonte

2013

Daniele Cristina Pinho Pinto

A IMAGEM E SEUS SIGNIFICADOS:

Fotografia e ensino de artes visuais na educação infantil do CMEI

Rubens do Amaral

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Área de concentração: Ensino de Artes Visuais

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Alvares Vidigal

Belo Horizonte

2013

Pinto, Daniele Cristina Pinho, 1983-

Imagem e seus significados: fotografia e ensino de Artes Visuais na Educação Infantil do CMEI Rubens do Amaral: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Daniele Cristina Pinho Pinto. – 2013.

38 f.

Orientador: Leonardo Alvares Vidigal

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Vidigal, Leonardo Alves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707

Dedico este trabalho a Deus, que sendo o primeiro artista é fonte de inspiração eterna, e minha mãe Irene pelo incentivo amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que colaboraram de forma direta e indireta na execução do projeto e contribuíram para meu processo de aprendizagem; Em especial minha amiga Amanda Dumont que esteve sempre aberta e disposta a contribuir na área da educação com sua parceria e participação voluntária; ao CMEI Rubens do Amaral por acreditar no potencial das crianças, incentivar e apoiar a execução das atividades; aos tutores que agregaram saberes relevantes durante o curso, sempre disponíveis para auxiliar; e ao orientador Leonardo Alves Vidigal que através do apoio e compreensão me fez acreditar e persistir na finalização do trabalho.

“Pensava que nós seguíamos caminhos já feitos, mas parece que não os há. O nosso ir faz o caminho”.

(C.S.Lewis)

RESUMO

Este trabalho aborda a fotografia no Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil do CMEI Rubens do Amaral. Objetiva conhecer conceitos e a experienciar como linguagem artística, proporcionando captura de imagens fixas e estabelecendo um diálogo entre a produção artística e valores culturais da região, proporcionando uma contribuição no desenvolvimento estético do aluno e momentos de leitura estética do ambiente e de imagens da arte, assim como a reflexão sobre estas leituras. Apresenta uma pesquisa de campo baseada em coleta de dados, durante o período de fevereiro a agosto de 2013, realizada com os educadores do espaço citado de forma qualitativa e atividade prática junto aos alunos embasada nas teorias de autores contemporâneos como Ana Mae Barbosa. A partir do diálogo entre os dados coletados, a análise dos documentos norteadores da Educação Infantil (Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil) e a Abordagem Triangular proposta por Barbosa, a metodologia no ensino de Artes Visuais para crianças tomou outro caminho. Para que a atividade proposta ganhasse sentido e significância para o aluno, foi apresentada durante o processo, a história da arte em linguagem acessível ao universo infantil e atividades contextualizadas a criança, para que todas pudessem compreender de forma lúdica conceitos e teorias consideradas complexas. Houve mudança notável por parte da turma na forma de ler e interpretar não somente a imagem do pico, mas como imagens produzidas em sua rotina. A necessidade de promover uma formação continuada aos professores é tão necessária quanto o investimento em materiais de pesquisa para a efetivação de um ensino em Artes Visuais com qualidade na Educação Infantil.

Palavras Chaves: Artes Visuais, Educação Infantil, Ensino de Artes, Lúdico.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 2 - Fotografia da Ibituruna com plano aberto e ângulo frontal 2.....	24
FIGURA 3 - Fotografia da Ibituruna com plano aberto e ângulo frontal “torto” 1....	25
FIGURA 4 - Fotografia da Ibituruna com plano aberto e ângulo frontal “torto” 2....	25
FIGURA 5 - Fotografia da Ibituruna desfocada 1	26
FIGURA 6 - Fotografia da Ibituruna desfocada 2	26
FIGURA 7 - Fotografia da Ibituruna com utilização do zoom	27
FIGURA 8 - Visitação e workshop na casa da artista Clores Lage 1	34
FIGURA 9 - Visitação e workshop na casa da artista Clores Lage 2	34
FIGURA 10 - Crianças “contornando” o Pico do Ibituruna.....	34
FIGURA 11 - Pico do Ibituruna em dia nublado.....	35
FIGURA 12 - Imagem do Pico do Ibituruna em dia com sol.....	35
FIGURA 13 - Observação após contação de história do aspecto do pico em dia com sol.....	35
FIGURA 14 - Criança pintando a pedra a partir da observação da fotografia	36
FIGURA 15 - Resultado da pintura a partir da observação da fotografia do Pico do Ibiturna	36
FIGURA 16 - Crianças “enquadrando” e fotografando o Pico da Ibituruna 1	37
FIGURA 17 - Crianças “enquadrando” e fotografando o Pico da Ibituruna 2	37
FIGURA 18 - Grupo de educadores do curso Teia, observando mural de fotos do Pico do Ibituruna registrada pelas crianças.....	37
FIGURA 19 - Grupo de educadores do curso Teia iniciando “aula prática” realizada com as crianças.....	38
FIGURA 20 - Grupo de educadores do curso Teia no observatório, finalizando a aula prática	38
GRÁFICO 1 - Experiência enquanto docente	15

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONHECENDO O TERRITÓRIO: A INSTITUIÇÃO	12
1.1 A ARTE COMO CONSUMO E PRÁTICA DE ENSINO: O PERFIL PROFISSIONAL	13
2 A ESCOLHA DA IMAGEM: POR QUE O PICO DO IBITURUNA?	16
2.1. MAS O QUE É ARTE AFINAL?.....	17
2.2 DIGA “XIS”: A PRÁTICA	19
3 GRAMÁTICA VISUAL: O RESULTADO	22
3.1 TEIA: JOGANDO NA REDE.....	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA DE CAMPO.....	32
APÊNDICE B – ILUSTRAÇÕES.....	33
ANEXO A – REPORTAGEM JORNAL DIÁRIO DO RIO DOCE	38

INTRODUÇÃO

Os equipamentos fotográficos tem se tornado mais sofisticados, acessíveis e presentes no cotidiano das pessoas. Sua utilização tem crescido como meio de comunicação, registro de lembranças ou vivências.

No âmbito escolar, esses equipamentos são utilizados em sua maioria pelos adolescentes em câmeras digitais e telefone celular. Na Educação Infantil, seu uso ainda se limita ao professor como forma de registrar as atividades realizadas com os alunos.

A comunidade escolar ainda não reconhece a fotografia como manifestação artística e por este motivo o desenho tem ocupado um espaço notório no ensino de Artes Visuais na Educação Infantil. É destacado ainda como o mais importante a ser desenvolvido, servindo de base para outras modalidades de artes, como a pintura.

Esse trabalho apresenta a abordagem da fotografia no ensino de Artes Visuais na Educação Infantil do CMEI Rubens do Amaral na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais, e busca referência em Ana Mae Barbosa e a Abordagem Triangular como base da prática pedagógica. Seu objetivo é analisar esta modalidade de ensino com foco na imagem (fotografia) do Pico do Ibituruna através de pesquisa e atividade prática.

Ao decorrer do curso de Especialização em Artes Visuais, foi feita uma tentativa de coleta de materiais para possíveis pesquisas e realização de atividades artísticas na Educação Infantil, por se tratar da área de atuação da autora desta pesquisa, que atua como docente.

Baseada em experiências anteriores com o uso da máquina fotográfica na sala de aula pelos alunos, o foco foi no uso da imagem fixa ou móvel durante a pesquisa. Existem livros de Ana Mae Barbosa sobre o assunto, mas a escrita era direcionada a Educação Básica, fazendo que o estudo se retese ao Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil que se refere à leitura da imagem da seguinte forma:

Ao trabalhar com a leitura de imagens, é importante elaborar perguntas que instiguem a observação, a descoberta e o interesse das crianças, como: “O que você mais gostou?”, “Como o artista conseguiu estas

cores?”, “Que instrumentos e meios ele usou?”, “O que você acha que foi mais difícil para ele fazer?” (BRASIL, 1998, p.96)

Pela descrição das perguntas do documento, percebe-se que a leitura de imagens é restrita às pinturas, não abrangendo assim modalidades como fotografia, rótulos ou *outdoors*, que é presente no cotidiano dos alunos. A imagem é abordada ainda, como uma fonte de prazer para as crianças que quando reconhecem certas figuras, identificam personagens e afirmam que elas podem observar imagens figurativas fixas ou em movimento e produções.

Como produção de imagem, o documento se limita a pintura e desenho, sendo citados no quesito de recursos e materiais o uso corrente de

[...] lápis preto, lápis de cor, pincéis, lápis de cera, carvão, giz, brochas, rolos de pintar, espátulas, papéis de diferentes tamanhos, cores e texturas, caixas, papelão, tintas, argila, massas diversas, barbantes, cola, tecidos, linhas, lãs, fita crepe, tesouras. (BRASIL, 1998, p.112)

O texto é também fruto de consulta em livros e da internet, apresentando no primeiro capítulo a instituição, o perfil dos profissionais que ali se encontram e suas experiências com a arte enquanto docente e discente, sendo os dados coletados a partir de uma pesquisa de campo. O segundo capítulo justifica a escolha da imagem para realização da atividade junto aos alunos e o caminho que foi necessário trilharem antes da consumação da proposta pedagógica. A atividade prática abordando o uso da fotografia com um olhar artístico no ensino de Artes Visuais na Educação Infantil do CMEI Rubens do Amaral e seu resultado é apresentado no terceiro capítulo.

A prática pedagógica foi embasada a partir de um perfil apresentado pela turma e sua contextualização em junção aos conceitos teóricos. Por este motivo, vale ressaltar que a pesquisa visa abrir a discussão sobre o uso da fotografia no ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, e não apresentar um método como caminho a ser seguido para esta prática.

1 CONHECENDO O TERRITÓRIO: A INSTITUIÇÃO

Implantado em Governador Valadares pela Lei nº 5.542 em 19 de abril de 2006 e com objetivos e finalidades da Educação Infantil, o CMEI Rubens do Amaral, está localizada no Bairro Santa Helena, conhecido também como Morro do Querosene, região periférica da cidade e acolhe crianças de 0 a 05 anos.

O histórico da população local atendida perpassa por preconceito e constrangimento devido à lama que cercava o bairro, dificultando assim a saída sem sujar as roupas antes do trabalho, a falta de iluminação que deu origem ao antigo nome do bairro, Querosene, por causa das lamparinas acesas para compensar a falta de energia elétrica, além dos transtornos causados pela ausência de saneamento básico (LIBÂNIO, S/D). Marcado pelo grande índice de violência, para conseguir emprego, os moradores não citavam que residiam ali, pois tinham receio de não serem aceitos para a vaga.

Atualmente a comunidade escolar convive com problemas de vulnerabilidade social, como grande índice de alcoolismo, prostituição, drogas e risco por viverem, em sua maioria, em habitações de alvenaria.

Em seu espaço físico, a instituição conta com mobílias adaptadas às crianças desde a sala de aula aos banheiros e espaços abertos a fim promover autonomia, como sugere Maria Montessori¹. As salas são arejadas e cada idade conta com sua sala de referência, que é compartilhada com as outras turmas da mesma idade, onde executam as atividades dirigidas em horários diferenciados de acordo com cronograma.

Embora a instituição conte com uma vista privilegiada, abrangendo os pontos turísticos e o patrimônio cultural, como o Pico do Ibituruna, o percurso do Rio Doce, o Estádio Mamudiaba, a Açucareira, além de toda a cidade em seus diferentes territórios, o Ensino de Artes Visuais envolvendo a imagem (fotografia e pintura) ainda não é executado ou percebido pelos profissionais que ali se encontram. Estes, por sua vez, encontram entraves como nas demais instituições educacionais sendo o principal motivo a falta de recurso para execução destas

¹ Maria Montessori nasceu em 1870, foi a primeira mulher a diplomar-se em medicina na Itália. Suas obras contribuíram para os "Métodos Pedagógicos", tendo como marco a confecção de mobílias adequadas para cada idade com o objetivo de tornar o ambiente educacional em um local agradável e que favoreça o processo de aprendizado.

atividades (ambiente e materiais adequados), mas são favorecidos pela localização geográfica da escola

1.1 A arte como consumo e prática de ensino: o perfil profissional

A educação em Artes Visuais não visa a formar artistas, mas sim crianças sensíveis ao mundo e conhecedoras da linguagem da arte. (BRASIL, 1998, p.91)

O Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil é o documento norteador das práticas de ensino para todas as instituições de Educação Infantil. Nele as Artes Visuais são apresentadas como um dos eixos a serem desenvolvidos na infância. O documento sugere que para chegar a esse objetivo, a exploração do conhecimento da diversidade de produções artísticas, como desenhos, pinturas, esculturas, construções, fotografias, colagens, ilustrações, cinema, etc.

Ainda que a fotografia seja contemplada, ela aparece de forma tímida como apreciação ou leitura da imagem ou suporte para construção de conhecimento de outro eixo e não como uma arte a ser praticada (o fazer artístico) com as crianças de 04 a 06 anos, dando ênfase ao desenho e sua importância como base para outras atividades como pintura.

Agregado a este fator, encontramos também como empecilho no desenvolvimento desta modalidade de ensino a falta de preparo dos professores para lidar com o Ensino de Artes Visuais como relata Barbosa:

[...] temos professores dando aulas de arte que nunca leram nenhum livro de arte/educação e pensam que arte na escola é dar folhas para colorir [...]. (BARBOSA, 2002, p.19)

A autora ainda alega que não é de interesse governamental levar a arte para o meio educacional, principalmente para classes subalternas, pois para eles o “povo educado atrapalha porque aprende a pensar, a analisar, a julgar” (BARBOSA, 2002, p. 03). Assim, a ideia que um dos grandes entraves no Ensino de Artes é a má qualificação profissional e seu histórico que passa por uma formação polivalente já apresentadas através das disciplinas abordadas durante o curso é reforçada.

Portanto, para entender melhor como se dá este ensino no espaço educacional já apresentado, foi feita uma pesquisa de campo com coleta de dados através de um questionário com nove perguntas mescladas entre abertas, fechadas de múltipla escolha e semiaberta. Seu objetivo é sondar a experiência que os professores tiveram quanto eram alunos, há quanto tempo lecionam e sua experiência e dificuldades encontradas com este ensino enquanto docente.

Dentre os vinte e três profissionais abordados, sete aceitaram a proposta (educadores do berçário aos 05 anos) sendo que 43% lecionam por um tempo que varia entre 02 e 03 anos, 15% lecionam entre 03 e 04 anos, 14% lecionam há 05 anos acima, 14% lecionam acima de 15 anos e outros 14% lecionam acima de 30 anos, sendo atuantes na Educação Infantil no período entre 02 e 03 anos 57%, entre 03 e 04 anos 29% e 10 anos acima 14% dos entrevistados, tendo entre eles uma estadia na instituição a média de 03 anos.

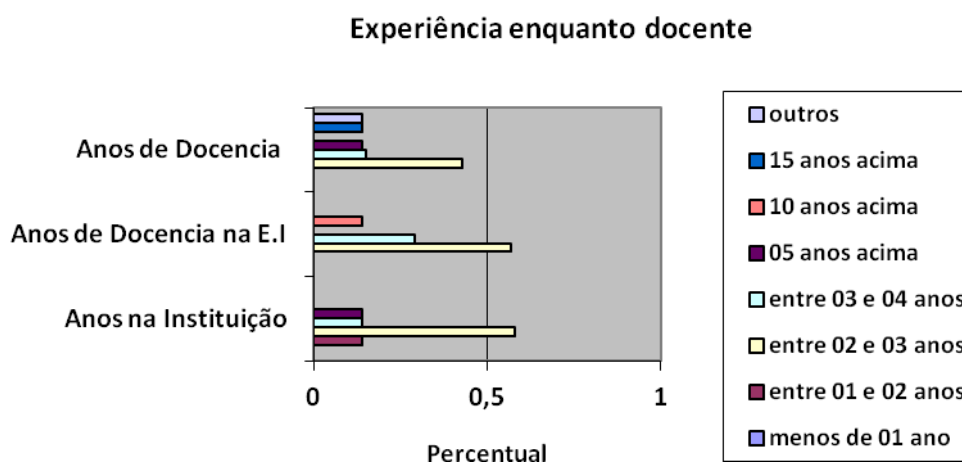


GRÁFICO 1 - Experiência enquanto docente

Fonte: Dados recolhidos pela própria autora

Por unanimidade, todos relataram que não tiveram nenhuma experiência de aprendizado na disciplina Ensino de Artes: “(...)f não tive nenhum contato com tintas, lápis de cera ou argila para modelar e somente coloria com lápis de cor desenhos mimeografados que na maioria das vezes eram árvores, casinhas, sol e florzinhas”, completaram ainda dizendo que o horário era considerado vago.

Em relação a entender o que é ensino de artes visuais na Educação Infantil, relataram que é trabalhar com materiais variados, pinturas, imagem, cenas, natureza, tudo que usa a visão, vídeos, emoção, livros, folhetos,

fotografias e apresentações teatrais; uma educadora a abordou como “forma de interação social onde se comunicam através do sentimento, expressando através de desenhos, pinturas e criação de murais. O trabalho com artes visuais é permitir a criança pequena o contato com diversos materiais que podem ser explorados e usados como expressão livre do pensamento”.

A utilização da câmera fotográfica para todas, se dá como registro de atividades dos alunos para posterior confecção de portfólio. Somente uma educadora alega não ter o equipamento, mas quando necessário solicita as colegas. Em relação à pintura, é abordada de forma geral como confecção de mural onde as crianças espalham a tinta com as mãos, com exceção de duas professoras que a utiliza como registro de contação de histórias, ressaltando que todas gostariam de utilizar mais o recurso.

Dentre as dificuldades encontradas neste eixo de ensino na instituição, somente uma entrevista declarou que “não encontra barreiras por trabalharem de acordo com a proposta da instituição que é fundamentada no Referencial Curricular da Educação Infantil (RCNEI)... e a falta de material não é empecilho para trabalhar, pois gosto do resultado”. As demais mencionaram que falta espaço e equipamento adequado como mesas com cadeiras para as crianças sentarem, material diversificado e/ou suficiente para toda turma como tinta, pincel, etc. sendo unânime informação de que falta de um auxiliar de sala de aula por se tratar de crianças pequenas.

Concluimos assim, que apesar de o RCNEI apontar para a formação de crianças sensíveis ao mundo e conhecedoras da linguagem artística, ainda aborda de forma rasa o conteúdo Artes Visuais não dando respaldo para a elaboração das atividades pedagógicas mais elaboradas.

A pesquisa aponta que o CMEI Rubens do Amaral tem em sua prática, a arte visual como expressionismo, sem reflexão ou objetivo traçado que fortaleçam a atividade artística como formadora de sujeitos sensíveis e que entendam a esta linguagem, repetindo o ciclo e da fonte que beberam em sua formação discente, onde a disciplina de arte servia de suporte para outras atividades. Alguns entrevistados demonstram interesse em avançar, mas ainda não sabem como encontrar este caminho. Em relação à câmera fotográfica (que é o estudo em questão), ainda não a utilizam como forma ou nova tecnologia para o ensino de artes.

2 A ESCOLHA DA IMAGEM: POR QUE O PICO DO IBITURUNA?

Sem conhecer as artes de uma sociedade, só podemos ter conhecimento parcial de sua cultura. (BARBOSA, 2002, p.16)

A cidade reconhecida internacionalmente como “Capital Mundial do Voo Livre”, tendo o pico como referência, também é conhecida devido ao grande número de nativos imigrantes para os Estados Unidos da América. A cultura local sofre forte influência do consumismo e costumes norte-americanos, consequentemente perdendo sua identidade e enfraquecendo suas raízes.

Segundo Barbosa (2002, p.38) há várias teses que remetem a importância da contextualização do ensino, dos conceitos e das imagens para uma educação comprometida com o social. Ela sugere ainda que o educador analise o contexto social e histórico para depois escolher, no caso a imagem, a ser decodificada, e foi a partir destes critérios é que o Pico do Ibituruna foi escolhido para desenvolver a atividade junto às crianças.

A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. (BARBOSA, 2002, p.13)

A origem do nome do pico é indígena e tem como significado “grande pedra escura”. Ainda que seja o cartão postal, símbolo da cidade de Governador Valadares e sedie o campeonato mundial de voo livre, é explorada de forma estereotipada e superficial pelo comércio e indústria local, fazendo com que perca seu sentido totalizador de identidade cultural e potencial pedagógico no Ensino de Artes Visuais e outras disciplinas.

Sua escolha como imagem a ser decodificada e explorada no processo desta modalidade de ensino para crianças nos remete a uma análise não somente da consciência e apreciação da cultura local, mas da deficiência encontrada atualmente na área cultural (identidade local) e artística (ensino, apreciação e consumo) na cidade.

Barbosa defende que a função das artes está ligada a formação da imagem e identidade e confere um papel característico dentro os complexos da cultura, tendo esta uma representação simbólica (traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais), que caracterizam a sociedade ou grupo social, valores, tradições e crenças (BARBOSA, 2002, p. 15-16). Em suas experiências com crianças que tiveram um ensino baseado na proposta triangular, constatou-se que elas desenvolveram mais, tanto na criação artística quanto na capacidade de falar sobre arte (BARBOSA, 2002, p. 36).

Há uma urgência em criar na escola este espaço onde desde cedo a criança seja conscientizada, instigada e levada a desenvolver a sua sensibilidade e que ela abranja a comunidade escolar, promovendo assim a educação artística e estética e, especificamente em Governador Valadares, que valorize a cultura local e desperte novos artistas no cenário regional.

E foi a partir deste contexto, acrescido de uma população que não tem acesso a artes para consumo e apreciação, é que a imagem foi escolhida e a prática pedagógica.

2.1. Mas o que é arte afinal?

A atividade consistia em conhecer conceitos e conhecer a fotografia como linguagem artística, estabelecendo um diálogo entre a produção artística e valores culturais da região através da análise do Pico do Ibituruna e seus significados, promover um olhar de valorização da cultura local e proporcionar a captura de imagens fixas e momentos de leitura estética do ambiente e de imagens da arte e reflexão sobre essas leituras.

O entendimento da função do enquadramento é de suma importância para obter este resultado. O registro da imagem depende dos três elementos: plano, altura do ângulo e o lado do ângulo. Segundo Coelho (s.d, 21) a forma de enquadrar, permite “ao fotógrafo explorar variadas potencialidades estéticas, observando o recorte das formas retratadas de maneira a construir composições interessantes”, limitando assim o que mostrar ou não através da escolha da

estética e tipo de ângulo, determinando o modo como o espectador perceberá a imagem.

A turma que a realizou, é composta por 17 crianças na idade de 05 anos, sendo 03 com idade de 04 anos. Todas as crianças já frequentavam a instituição desde o berçário, sendo bem adaptadas a rotina e o espaço educacional, assim como o espaço entorno a instituição por morarem muito próximo a creche.

Como toda criança, elas demonstram preferência em brincadeiras que envolvem movimento do corpo como circuito (de pneus, cadeiras, barras, etc.), dança e o espaço do parque.

Embora o objetivo da Educação Infantil não seja alfabetizador, a maioria das crianças já consegue escrever o nome próprio sem o auxílio da ficha.

Na socialização utilizam o tom de voz muito alto para se expressarem e em alguns momentos apresentavam atitudes agressivas, que foram abreviadas ao longo da construção do processo de ensino de artes. A condição de aprendizagem de cada uma varia conforme a estrutura familiar, social e cognitiva, exceto uma criança que é portadora de deficiências múltiplas.

A criança tem suas próprias impressões, ideias e interpretação sobre a produção de arte e o fazer artístico. Tais construções são elaboradas á partir de suas experiências ao longo da vida, que envolvem a relação com a produção de arte, com o mundo dos objetos e com seu próprio fazer. As crianças exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências (BRASIL,1998, p.89).

O processo de ensino na Educação Infantil ocorre por meio da experimentação, dos sentidos e ludicidade.

Quando questionados sobre o que seria arte, os alunos responderam que poderia ser fazer bagunça na sala de aula ou desenhar, nos remetendo para a reflexão que na construção deste saber, estas foram às formas que elas relacionaram com esta através de um adulto: o comportamental ou relação limitada ao desenhar. Quando levantada à hipótese se a fotografia poderia ser um tipo de arte, ficaram caladas por um momento e logo disseram que não, que servia só pra fotografar.

Essa falta de objetividade nas aulas de arte contradiz aos pensamentos de estudiosos como Barbosa (2002, p. 33) que acredita que a arte/educação

contemporânea pretende formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte.

Por se tratar de uma comunidade que não tem acesso a arte e para se atingir o objetivo proposto, foi necessário que as crianças explorassem, ressentissem, reagissem, refletissem e reelaborassem sentidos de suas experiências. Durante seis meses, elas trilharam por caminhos que proporcionaram este lugar de conhecedor e decodificador de uma obra de artística, assim como conhecedor do significado e sentido da palavra arte.

Este trajeto se justifica segundo Barbosa, pois para aprender a linguagem da arte é necessário desenvolver técnica, crítica e criação, (2002, p. 44-45) assim como para avaliar e saboreá-la para adquirir conhecimento da história da arte em sua totalidade, como as características das classificações e a concentração de significados que advêm de sua complexidade.

Dentre as atividades, eles experimentaram a contação de história do surgimento da pintura, confecção de mural de arte rupestre, observação de traços e pontos na paisagem local, confecção de painel sonoro (traços e pontos), pintura livre, visitação a casa da artista local Clores Lage com exposição de suas obras de artes (em diferentes telas, escultura, etc.) e workshop no qual a artista demonstrou a metodologia que ela utiliza para pintar, os diferentes tipos de tintas (spray, tinta óleo, etc.) e efeito da luz.

Durante as aulas práticas de pintura livre, as crianças pintavam livremente ouvindo música clássica. No momento de socialização e avaliação das pinturas (que acontecia em rodas), algumas crianças relataram que parecia estar em outra escola no período da tarde (a instituição funciona em tempo integral e estas aulas eram ministradas no período vespertino).

2.2 Diga “xis”: a prática

[...] o ato de fotografar não é apenas usar um aparelho técnico que possibilita a reprodução de algo, necessita de sensibilidade para saber a ocasião exata para registrar um momento único, particular e assim recriar o mundo através da fotografia. Portanto, compreender que o fotógrafo não é apenas um operador da

câmera fotográfica, mas uma pessoa que tem uma visão própria do que será registrado. (SILVA, 2010, p.12)

Para uma melhor compreensão do ato de fotografar por parte dos alunos, o planejamento foi dividido em seis etapas relatadas respectivamente nos seguintes parágrafos.

A princípio foi iniciada a exploração teórica de conceitos de fotografia (luz, enquadramento, diafragma), através da exploração da câmera escura confeccionada na disciplina de fotografia deste curso por parte dos alunos e explicada como foi criada a máquina fotográfica e sua finalidade.

No segundo momento as crianças foram observar em um dia nublado o Pico da Ibituruna e seu traçado, utilizando um graveto para “contornar a linha que a montanha faz no céu” como eles disseram. Observaram também o que tem em volta do pico como os territórios da cidade e suas características, que por fim foi fotografado pela professora. Voltando a sala de aula foi levantada uma hipótese sobre o que a pedra representa para a cidade de Governador Valadares na opinião deles, qual era sua característica naquele dia e em seguida foi realizado um desenho conforme o traço que observaram.

A visita ao “observatório” aconteceu no terceiro momento e em um dia de muito sol. Neste encontro foi realizada a contação de história da cidade com ênfase na Ibituruna, explicando a origem do nome, sua representatividade para cidade, etc, e solicitado que observassem se a pedra parecia diferente da primeira visita. Todos disseram que ela parecia menor, que “quando o dia está nublado a pedra fica mais escura e parece maior.” Novamente foi feito o registro da imagem pela professora em sua câmera fotográfica. Em sala de aula a hipótese sobre o que representa o pico para a cidade foi confirmada.

Foram expostas as fotos registradas nos dois dias em tamanho 21X15 cm no quarto momento e confirmado a hipótese se realmente parecia menor ou maior no dia nublado ou com sol. Neste momento o conceito sobre a influência da luz em uma fotografia foi lembrado.

As crianças leram as imagens e em seguida realizaram uma pintura a partir de sua observação. A produção artística se destacou pela riqueza de detalhes devido à possibilidade de observação das características de luz e cor próprias que a fotografia proporciona por tornar possível “congelar” as imagens (SILVA p. 14).

No quinto momento todos os conceitos abordados foram lembrados e realizada a atividade proposta. Foi fortalecido o conceito de enquadramento e zoom, onde com a folhinha com um quadrado recortado no centro, foi distribuída para enquadrar objetos e cenários na sala de aula e observado a importância de registrar o que quer se mostrar. Em seguida, os alunos foram levados novamente ao “observatório” e dividido em dois grupos: os que estavam com a folhinha de enquadrar e os que manuseavam a câmera fotográfica sendo orientados a observarem através da folha, o que e como gostariam de registrar o pico e solicitar a câmera fotográfica para o registro da imagem a professora quando estivessem prontos.

O equipamento utilizado foi uma câmera Fuji Film, modelo Fine Pix L50, sendo as imagens com dimensão 4.000 X 3.000 e velocidade ISO de ISO 100, sem flash.

No sexto e último momento foi realizada uma exposição fotográfica primeiramente na sala de aula, onde cada criança expôs o que observava e posteriormente a comunidade escolar.

O resultado da atividade foi feito através da análise e descrição da observação da participação das crianças e a própria imagem produzida por elas.

3 GRAMÁTICA VISUAL: O RESULTADO

[...] se prepararmos as crianças para lerem imagens [...] as estamos preparando para ler as imagens que as cercam em seu meio ambiente. (BARBOSA, 2002, p.22).

A gramática visual é abordada por Barbosa como forma de preparar as crianças para perceberem imagens em seu meio assim como ter condições de realizar críticas para avaliar o que está sendo produzindo, tendo em vista que 82% do nosso conhecimento informal vêm através de imagens (BARBOSA, 2002, p.22).

A partir da proposta, os alunos mudaram seu conceito sobre fotografia, compreendendo-a como uma forma de arte.

Na sala de aula, passaram a explorar mais a máquina fotográfica do cantinho de faz de conta, dando função e sentido a este brinquedo que antes era recriado como armas, ou finalidades diversas de acordo com a brincadeira. Em alguns momentos imaginavam estar fotografando os colegas, solicitando que estes fizessem pose. Em outros momentos fantasiavam estar filmando a realização das atividades diárias nos espaços. A percepção da linguagem corporal e a leitura do ambiente criaram um novo sentido a partir desta relação com a fotografia. Brincadeiras como criar “estátua” com o corpo começaram a fazer parte de seu cotidiano, sendo mais relevante neste aprendizado à forma como conseguiram lidar com respeito ao colega a partir da observação do que o corpo do outro dizia, o que antes era necessitava de constante intervenção e momentos de autoavaliação.

A leitura do Pico do Ibituruna ganhou um novo significado no cotidiano escolar, passando a ser mais observado durante a transição pelo espaço na instituição. Em suas produções, a pedra foi registrada pela maioria dos alunos, com o lado do ângulo frontal em plano aberto.



FIGURA 1 – Fotografia da Ibituruna com plano aberto e ângulo frontal 1

Fonte: Capturada pelas crianças da creche

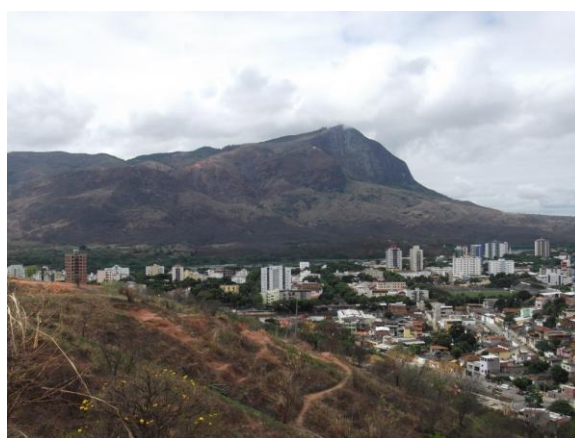


FIGURA 2 - Fotografia da Ibituruna com plano aberto e ângulo frontal 2

Fonte: Capturada pelas crianças da creche

Somente estas duas crianças conseguiram enquadrar e capturar a Ibituruna com plano aberto e ângulo frontal. Na primeira figura percebemos a imagem mais clara e mais próxima à borda superior. Na segunda, além de mais escura, há um espaço maior entre o pico e o céu.



FIGURA 3 - Fotografia da Ibituruna com plano aberto e ângulo frontal “torto” 1
Fonte: Capturada pelas crianças da creche



FIGURA 4 - Fotografia da Ibituruna com plano aberto e ângulo frontal “torto” 2
Fonte: Capturada pelas crianças da creche

Nas figuras 03 e 04, percebemos a mesma utilização de plano mas o ângulo deu um aspecto de imagem “torta”. A maioria dos alunos conseguiram capturar imagens como esta. Uma hipótese para este resultado, seria noção de tempo ao apertar o botão para registrar a imagem, mexendo a mão no momento da captura ou a falta de percepção ao enquadrar.



FIGURA 5 - Fotografia da Ibituruna desfocada 1

Fonte: Capturada pelas crianças da creche



FIGURA 6 - Fotografia da Ibituruna desfocada 2

Fonte: Capturada pelas crianças da creche

As figuras 05 e 06 foram casos isolados no resultado da atividade. As duas crianças não conseguiram enquadrar o Pico da Ibituruna. Vale ressaltar que estes dois alunos apresentam dificuldade em atividades que envolvam movimento e psicomotricidade como dançar, saltar, pular e etc.

Somente a imagem utilizou o zoom:

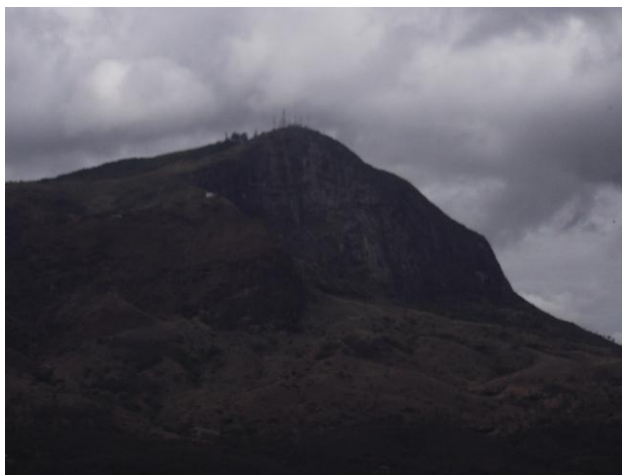


FIGURA 7 - Fotografia da Ibituruna com utilização do zoom

Fonte: Captura pelas crianças da creche

Em todas as imagens além da pedra, aparece o caminho utilizado para transporte desde a origem do bairro, o centro de Governador Valadares e o Rio Doce, com exceção da figura 06 que há acréscimo da imagem da comunidade vizinha chamada Morro do Carapina. Vale ressaltar que os alunos que realizaram a atividade, em sua maioria, não têm acesso a câmera fotográfica seja digital ou de celular em seu contexto social.

Avaliando coletivamente, as imagens da pedra com o ângulo “torto”, foram percebidas pelos pequenos como imagem que mostrava o pico. A utilização do zoom foi “lida” como destaque na cor da pedra e na parte superior do pico que abriga a santa padroeira da cidade. A figura 05 foi entendida como “fotografia da trilha” por parte da turma, por parecer estar focando o chão.

Alguns alunos estabeleceram uma relação afetiva do pico com a cidade dizendo que “parece que ele abraça todos os bairros”, gerando assim uma sensação de pertence de e inclusão da comunidade, que tem um histórico de exclusão social.

3.1 Teia: Jogando na rede

A experiência vivenciada pelos alunos foi compartilhada com outros profissionais que cursam o Educação Integral e Integrada (TEIA – Territórios,

Educação Integral e Cidadania), oferecido pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) a convite dos tutores. O objetivo principal do curso é a formação de educadores da Educação Básica, gestores educacionais, professores do Ensino Básico e outros profissionais da educação dentro dos pressupostos teóricos e práticos da Educação Integral/Integrada, tornando-os capazes de desenvolver, implementar e participar de programas de educação integral em seus municípios.

A instituição recebeu os visitantes em seu espaço a fim destes conhecerem a realidade do local bem como equipamentos e recursos oferecidos.

O projeto executado com os alunos foi explanado (objetivo, metodologia adaptada a criança, referencial teórico) e em seguida foi traçado um percurso pela creche onde os participantes puderam perceber todo o trabalho produzido pelas crianças ao longo do processo (desenho, pintura, murais e fotografias).

Conduzidos à sala de referência, foi oferecida uma aula prática, como a realizada com os alunos. Em roda, compartilharam a sensação que tiveram observando as fotografias e outros trabalhos. Alguns relataram estar muito surpresos com a atividade executada e capacidade criativa das crianças, por se tratar de “tal” comunidade e pelo pouco recurso oferecido em escolas públicas.

Outro fator que de interesse foi a confiança por parte da educadora em deixar os alunos manusearem uma câmera digital. Segundo eles, o equipamento fotográfico não era visto ou usado como objeto de produção artística, tão pouco por crianças.

Para finalizar, o grupo de professores vivenciou as atividades de contação de história e observação do pico em espaço externo ao da instituição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da atividade com os alunos da turma de 05 anos do CMEI Rubens do Amaral passou por um processo de contextualização do espaço e dos profissionais que ali atuam, para entender em que processo de ensino e aprendizagem se encontra a instituição e conseqüentemente o perfil e histórico de ensino da classe que a realizou.

Devido ao entendimento e conceito de arte que a turma havia construído, a proposta de realizar alguma atividade envolvendo fotografia parecia superficial ou sem sentido para os alunos, que por sua vez a executavam, tirando foto somente por tirar, sem refletirem ou premeditar suas ações, voltando-se para brincadeiras que para eles pareciam ser mais interessantes.

Foi necessário rever a execução da atividade (fotografia do Pico do Ibituruna) e passar por um longo processo e visitação a espaços como a galeria da artista valadarense, Clores Lage, citada no desenvolvimento desse trabalho, realização de pinturas livres, a fim de provocar a sensibilização estética e apropriação da arte como um todo.

A medida que as crianças iam acessando e relacionando com obras de arte, percebia-se mais interesse por parte delas em realizar e conversar sobre produções artísticas como afirma Barbosa (2002, p.36). A mudança comportamental não era o objetivo, mas foi atingida consideravelmente, sendo notado pela comunidade escolar em geral. Este foi o momento propício para iniciar a atividade proposta.

A partir da execução, pode-se perceber que as crianças não somente mudaram seu conceito sobre fotografia e o que ela pode representar como arte, como conseguiram entender a linguagem técnica e sua aplicação. Surpreendentemente, elas passaram muito tempo calculando com o papel de enquadrar, qual seria o melhor ângulo para fixar a imagem do pico.

As dificuldades encontradas na realização confirmam as relatadas na pesquisa realizada com os professores, sendo estas a falta de recurso humano para auxiliar em alguns momentos e a falta de material para todos, neste caso a câmera digital, que teve que ser assumido pela professora desde a aquisição do equipamento até revelação das imagens.

Alguns entraves também foram encontrados na metodologia uma vez que o material de pesquisa voltado para Educação Infantil é escasso ou de difícil acesso para cidades do interior. O referencial teórico foi recriado e adaptado ao universo da criança de acordo com o perfil da turma.

Como resultado, além das galerias de artes expostas na escola, houve uma mudança por parte da equipe docente na forma de realizar o ensino de arte a partir da percepção do material exposto. Alguns professores demonstraram mais interesse em visitar espaços de exposição artística relacionando-os as obras das crianças e considerando estas capazes de produzir.

A câmera digital também passou a ser reconhecida como objeto de ensino. Alguns colegas começaram a pedir sugestão para aquisição do material para uso em sala de aula que apresentasse resistência e qualidade de imagem. Os alunos por sua vez, deram sentido a câmera e sua função que por muitas vezes ganhava outra finalidade em suas brincadeiras de faz de conta. O olhar destas crianças para a paisagem natural e vista oferecida pelo bairro também ganhou um novo sentido. Em algumas atividades conseguíamos passar grande parte do tempo admirando vales e a cidade, o que é considerado difícil para crianças.

O projeto também deu origem a outro denominado “Se esta rua fosse minha”, onde os alunos auxiliaram na produção de um documentário audiovisual, contando a história do bairro.

É possível que crianças consigam atingir objetivos considerados complexos por adultos na realização de atividades artísticas ou manuseio de equipamentos tecnológicos. A Educação Infantil em alguns momentos é subestimada até mesmo pelos profissionais atuantes, seja por falta de metodologia adaptada ou por simplesmente se tratar de crianças. A falta de recurso é um fator considerável na execução das atividades, mas não sobrepõe a falta de preparo profissional que acarreta na não realização.

Para estas crianças o significado da imagem do Pico do Ibituruna ganhou um novo sentido e olhar para outro e para si mesmo como parte integrante de um todo foi modificado a partir da experiência do olhar de uma câmera fotográfica.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem do Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Formação Pessoal e Social. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, v. 3, 1998.
- COELHO, Moraes Luiz; AZEVEDO, Patrícia; BAPTISTA, Paulo. *Introdução ao Estudo das Técnicas e da Estética da Fotografia e de sua relação com o Ensino da Arte*. Belo Horizonte: UFMG Editora, S/D.
- LIBÂNIO, Clarice (org.); *Guia Cultural Governador Valadares*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Objeto de Arte Comunicação e Design. S/D
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa (coord.); BARBOSA, Ana Mae. *Som, gesto, forma e cor: dimensões de arte e ensino*. 4ª Ed. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2003.
- SILVA, Renata Alves. *Fotografia no Ensino de Arte: Possibilidades de aplicação da fotografia como manifestação artística na aprendizagem em Arte*. 2010. 24fls. Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.

APÊNDICE A – Questionário utilizado na Pesquisa De Campo

QUESTIONÁRIO

**UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
IV Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais****PESQUISA DE CAMPO**

Prezada Professora,

O seguinte questionário faz parte de uma pesquisa de campo do IV Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais pela UFMG e tem como objetivo sondar a prática docente do Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil com foco na imagem (fotografia e pintura), no CMEI Rubens do Amaral, assim como levantar as dificuldades encontradas nesta prática.

Desde já agradeço a compreensão e participação, garantindo que as respostas serão sigilosas.

Instruções:

- a) O questionário contém 09 questões, sendo perguntas abertas e fechadas.
- b) Leia e responda as perguntas devolvendo a pesquisadora quando finalizado.
- c) Se necessário, pode utilizar o verso da folha para complementar as respostas.

Nome: _____

1) Há quanto tempo você leciona?

- menos de 01 ano entre 01 e 02 anos entre 02 e 03 anos
 entre 03 e 04 anos 05 anos acima 10 anos acima 15 anos acima
 Outros: _____

2) Há quanto tempo você leciona na Educação Infantil?

- menos de 01 ano entre 01 e 02 anos entre 02 e 03 anos
 entre 03 e 04 anos 05 anos acima 10 anos acima 15 anos acima
 Outros: _____

3) Há quanto tempo você trabalha na instituição?

- menos de 01 ano entre 01 e 02 anos entre 02 e 03 anos
 entre 03 e 04 anos 05 anos acima

4) Em qual faixa etária você leciona no CMEI Rubens do Amaral?

- 0 a 01 ano 01 ano 02 anos 03 anos 04 anos 05 anos

5) Qual a sua experiência enquanto discente com o Ensino de Arte?

6) O que você entende por Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil?

7) Como você utiliza a câmera fotográfica e sua imagem na prática docente?

Exemplifique.

8) Você utiliza da pintura no Ensino de Artes as crianças? Explique o processo.

9) Existem barreiras que dificultam o processo de Ensino de Artes no CMEI Rubens do Amaral? Cite-os.

APÊNDICE B – Ilustrações



FIGURA 8 - Visitação e workshop na casa da artista Clores Lage 1
Fonte: Capturada pela autora



FIGURA 9 - Visitação e workshop na casa da artista Clores Lage 2
Fonte: Capturada pela autora



FIGURA 10 - Crianças “contornando” o Pico do Ibituruna

Fonte: Capturada pela autora

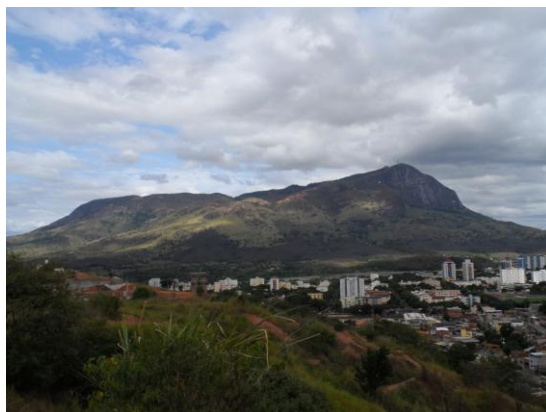


FIGURA 11 - Pico do Ibituruna em dia nublado

Fonte: Capturada pela autora

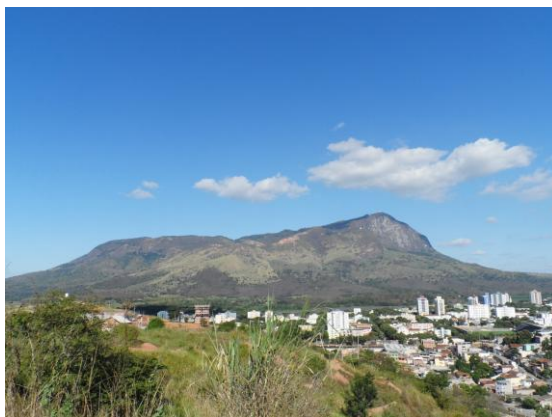


FIGURA 12 - Imagem do Pico do Ibituruna em dia com sol

Fonte: Capturada pela autora



FIGURA 13 - Observação após contação de história do aspecto do pico em dia com sol

Fonte: Capturada pela autora



FIGURA 14 - Criança pintando a pedra a partir da observação da fotografia
Fonte: Captura pela autora



FIGURA 15 - Resultado da pintura a partir da observação da fotografia do Pico do Ibituruna
Fonte: Capturada pela autora



FIGURA 16 - Crianças “enquadrando” e fotografando o Pico da Ibituruna 1
 Fonte: Capturada pela autora



FIGURA 17 - Crianças “enquadrando” e fotografando o Pico da Ibituruna 2
 Fonte: Capturada pela autora



FIGURA 18 - Grupo de educadores do curso Teia, observando mural de fotos do Pico do Ibituruna registrada pelas crianças
 Fonte: Capturada pela autora



FIGURA 19 - Grupo de educadores do curso Teia iniciando “aula prática” realizada com as crianças
Fonte: Captura pela autora



FIGURA 20 - Grupo de educadores do curso Teia no observatório, finalizando a aula prática
Fonte: Capturada pela autora

Estudantes do Querosene visitam **ateliê de Clores Lage**

GOVERNADOR VALADARES — O ateliê e a casa de Clores Lage foram o local de um encontro da artista com crianças com média de idade de 5 anos. A visita, na última sexta-feira, pela manhã, faz parte do projeto “Leitura Visual”, desenvolvido com as crianças de uma escola do bairro Querosene. O objetivo do projeto é descobrir novas técnicas de aprendizado através do ensino de artes visuais.

Durante o passeio pelo ateliê, Clores virou a “Vovó Clores”. Era assim que os alunos da turma do Cmei Rubens do Amaral se referiam a ela, que os recebeu com muita criatividade, segundo a professora Daniele Pinho. As crianças puderam conhecer e explorar todos

os ambientes do ateliê. Clores utilizou a linguagem das crianças para que todas entendessem cada obra de arte produzida por ela.

De acordo com a professora Daniele, a interação de Clores não foi apenas com as crianças: outros professores que estavam presentes na visita também acabaram aprendendo com a artista e suas histórias sobre cada peça do ateliê.

No fim da visita, a artista ofereceu uma lanche para as crianças, além de presentear-las com uma de suas obras. E também doou um exemplar de seu livro “Ecos de Outras Eras” para a biblioteca da escola. A despedida entre Clores e as crianças foi marcada por um grande abraço coletivo. *(T.H.)*

FOTO: Divulgação



CLORES EXIBE uma de suas obras aos visitantes

Reportagem exibida dia 25 de junho de 2013 no Diário do Rio Doce.